2
Mortificação: teologia e prática

Trataremos, agora, da teologia da mortificação e sua rigorosa prática penitencial, cuja influência se faz sentir até hoje, na espiritualidade cristã. Como fonte de pesquisa utilizaremos os três manuais clássicos de teologia ascética e mística, já citados no primeiro capítulo: "As três idades da vida interior", de Reginald Garrigou-Lagrange; "Compêndio de ascética e mística", de Adolphe Tanquerey; e "Teologia da perfeição cristã", de Antônio Royo Marin.

2.1.
Teologia da mortificação

Segundo Antônio Royo Marin e seu manual, a configuração com Jesus Cristo é a finalidade da vida cristã; e a mortificação é o meio para se atingir esse objetivo. Somente seremos santos à medida que vivermos a vida de Cristo, ou melhor, à medida que Cristo viver sua vida em nós. O processo de santificação pode até ser chamado de processo de "cristificação"; pois necessariamente, o cristão, para alcançar a perfeição, tem que se converter em outro Cristo (cf. Gl 2, 20). A santidade nada mais é que uma fiel reprodução da vida de Cristo, com todas as suas conseqüências[176].

Para Royo Marin o caminho para a "cristificação" é assinalado, de modo inequívoco, pelo próprio Cristo: "Se alguém quiser vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo e tome sua cruz cada dia, e siga-me" (Lc 9, 23). Não há outro caminho possível, é imperativo abraçar a dor, carregar a própria cruz e seguir Cristo até o Calvário, não apenas para contemplá-lo, mas para ser crucificado com ele. Amar cada vez mais o sofrimento[177] deve ser a tônica da vida cristã; mas, para isso, é imprescindível vencer a natural repugnância humana à dor, exercitando-se, diariamente, no amor à cruz.

---

[176] Cf. ROYO MARIN, A., *Teologia da perfeição cristã,* 4. ed., Madrid, BAC, 1962, pp. 48-49. 339.

[177] Cf. Ibidem, pp. 342-346: Existem cinco graus de amor ao sofrimento. São eles, por ordem ascendente de perfeição: 1°) Não omitir nenhum dever desagradável; 2°) Aceitar com resignação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

Aceitar com resignação, sem revolta, os sofrimentos que Deus envia já é um grau considerável de amor à cruz; todavia, ensina Royo Marin, para chegar à perfeição, é preciso ir além da simples passividade, é indispensável tomar a iniciativa, ou seja, buscar a dor, praticando a mortificação cristã em todas as sua formas recomendáveis, para dominar as pulsões do corpo, como recomendou são Paulo: "trato duramente o meu corpo e o mantenho submisso" (1Cor 9, 27). Quanto mais comodidade se oferece ao corpo mais rebelde e propenso ao pecado ele se torna. Por outro lado, quando submetido a uma disciplina de sofrimentos e severas restrições, o corpo se torna dócil e resistente às tentações[178]. Assim sendo, conclui Royo Marin, para evitar os pecados, é imprescindível a prática diária da mortificação; mas não só para evitá-los; também para sanar seus efeitos residuais, as chamadas 'penas temporais'. Prevenir e sanar são, pois, os dois motivos sobre os quais está estruturada a teologia da mortificação.

Adolphe Tanquerey ensina em seu manual que a motivação 'preventiva' justifica a utilização da dor como instrumento eficaz de luta contra as más inclinações do corpo, com a finalidade de preservar-nos das faltas presentes e futuras. Já a motivação 'sanante', segundo ele, legitima as práticas de mortificação como oportunidade para adquirirmos méritos[179] diante de Deus, obtendo, dessa maneira, a quitação das penas devidas pelos pecados do passado[180].

Para tornar nosso estudo mais rico de esclarecimentos, esses dois motivos fundamentais serão desmembrados, para, assim, analisarmos detalhadamente as razões teológicas que os originaram. Seguindo a partir de agora o manual de Reginald Garrigou-Lagrange, o desmembramento dar-se-á a partir das seguintes causas: as conseqüências do pecado original, as conseqüências dos pecados

---

as cruzes que Deus envia; 3°) Praticar a mortificação voluntária; 4°) Preferir a dor ao prazer; 5°) Oferecer-se a Deus como vítima de expiação.

[178] Cf. Ibidem, p. 340.

[179] Cf. DS 1548: Assim como o pecado gera uma dívida com Deus, a obra meritória tem direito a uma recompensa, que pode quitar totalmente ou parcialmente as penas devidas pelos pecados cometidos. O mérito não tem sua origem no simples esforço humano, mas na graça divina; é conseqüência da filiação divina, da ação de Deus na vida humana. A graça, unindo o homem a Cristo, assegura a qualidade sobrenatural de seus atos e, conseqüentemente seu mérito diante de Deus. Os méritos das boas obras são sempre dons da bondade divina.

[180] Cf. TANQUEREY, A., *Compêndio de teologia ascética e mística,* 5. ed., Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, p. 492-493.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

pessoais, a luta contra as tentações do mundo, a luta contra as tentações do demônio e o desapego para alcançar a perfeição[181].

2.1.1.
Para vencer as conseqüências do pecado original

Embasado no Concílio de Trento e na teologia de Santo Tomás de Aquino, Garrigou-Lagrange atesta que Adão, o primeiro homem, por seu pecado, perdeu a santidade e a justiça original[182]; e transmitiu para todo gênero humano uma natureza decaída, privada da graça e ferida[183]. Por esse motivo, todo homem vem ao mundo com uma vontade apartada de Deus, inclinada ao mal e frágil para fazer o bem; com uma razão que facilmente cai no erro, e uma sensibilidade violentamente inclinada ao prazer desordenado e à cólera[184]. É a "ferida da natureza humana"[185], raiz do orgulho, do esquecimento de Deus e do egoísmo em todas as suas modalidades[186].

Em razão dessa desordem e dessa fraqueza da vontade, prossegue Garrigou-Lagrange, não nos é possível amar eficazmente e, mais que a nós mesmos, a Deus, autor de nossa natureza. E só conseguimos superar essa debilidade com o auxílio da graça sanante[187]. Acrescenta ainda Garrigou-Lagrange a desordem da concupiscência, tão palpável, que santo Tomás vê nela um 'sinal bastante provável do pecado original', sinal que vem confirmar aquilo que a revelação nos ensina acerca do pecado de Adão[188]. Em lugar da tríplice harmonia original entre Deus e a alma, entre a alma e o corpo, bem como entre o corpo e as coisas exteriores nasceu a tríplice desordem de que nos fala são João: "Pois tudo o que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

---

[181] Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure,* Tome I, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1938, p. 389.
[182] Ibidem, p. 391: "A justiça original era uma harmonia perfeita entre Deus e a alma criada para amá-lo, conhecê-lo e servi-lo, e entre a alma e o corpo; a alma guardava essa submissão a Deus, as paixões da sensibilidade permaneciam também submetidas à reta razão iluminada pela fé, e a vontade era vivificada pela caridade; o corpo participava por privilégio desta harmonia, e não estava sujeito nem à enfermidade, nem à morte".
[183] Cf. DS 1512.
[184] Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae,* I, II, q. 85, a. 3. Apud GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., p. 391.
[185] GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., p. 393: "Segundo os Padres, em particular o venerável Beda, em seu comentário à parábola do bom Samaritano, o homem caído está, não somente despojado da graça e dos privilégios do estado de justiça original, mas também está ferido em sua natureza, 'per peccatum primi parentis, homo fuit spoliatus gratuitis et vulneratus in naturalibus'".
[186] Cf. Ibidem, pp. 393-394.
[187] Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae,* I, II, q. 109, a. 3. Apud GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., p. 393
[188] Cf. Idem, *Summa contra gentiles,* I. IV, c. LII, n. 3. Apud: GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., p. 394.

está no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a confiança orgulhosa nos bens – não vem do Pai, mas vem do mundo" (1Jo 2, 16)[189].

Segue ensinando Garrigou-Lagrange que o batismo nos sanou do pecado original, aplicando-nos os méritos do Salvador, dando-nos a graça santificante e as virtudes infusas; assim, pela virtude da fé, nossa razão foi sobrenaturalmente esclarecida; e, pelas virtudes da esperança e da caridade, nossa vontade se voltou para Deus. Todavia, enfatiza nosso autor, permanece, mesmo nos batizados em estado de graça, a debilidade original e as 'feridas em vias de cicatrização', que às vezes nos fazem sofrer e que foram conservadas, segundo santo Tomás, como ocasião de luta e méritos[190]. Garrigou-Lagrange faz questão de ressaltar que essa debilidade original é bem assinalada por são Paulo:

> "Compreendamos bem isto: o nosso homem velho foi crucificado com ele, para que seja destruído esse corpo de pecado e, assim, não sejamos mais escravos do pecado. Pois aquele que está morto está libertado do pecado (...). Portanto, que o pecado não mais reine em vosso corpo mortal para vos fazer obedecer as suas concupiscências. Não ponhais mais os vossos membros a serviço do pecado como armas da injustiça; mas como vivos saídos dentre os mortos, fazendo dos vossos membros armas da justiça, ponde-vos a serviço de Deus" (Rm 6, 6-13).

Garrigou-Lagrange prossegue realçando que esse 'homem velho' precisa ser mortificado, precisa morrer em nós. Do contrário, nunca conseguiremos o domínio sobre nossas paixões, além de experimentarmos oposição e guerra perpétua entre a nossa natureza e a graça. Se as almas não mortificadas não se dão conta dessa guerra, é sinal de que a graça leva nelas vida muito raquítica; a natureza egoísta é sua dona e senhora absoluta, ainda que possuam algo da virtude da temperança e certas boas inclinações naturais que se tomam por verdadeiras virtudes, completa Garrigou-Lagrange[191].

Conclui Garrigou-Lagrange afirmando a necessidade da mortificação contra as conseqüências do pecado original, que ainda continuam existindo nos batizados como ocasião de luta, luta esta indispensável para não cairmos em pecados atuais e pessoais. Devemos nos esforçar para fazer desaparecer as conseqüências do

---

[189] Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure,* Tome I, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1938, p. 393-394.
[190] Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, III, q. 69, a. 3, ad 3; DS 1520. Apud GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., pp. 394-395.
[191] Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., pp. 395-396.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

pecado original, especialmente a concupiscência, que inclina aos demais pecados. Se nos mortificamos, as feridas vão se cicatrizando continuamente com o aumento da graça que sana e que, às vezes, nos levanta para uma nova vida: 'gratia sanans et elevans'. Muito distante de destruir a natureza, pela prática da mortificação, a graça a restaura, a sana e a torna mais dócil nas mãos de Deus[192].

2.1.2.
Para vencer as conseqüências dos pecados pessoais

Os pecados, segundo Garrigou-Lagrange, quando repetidos, engendram os vícios; estes, por sua vez, geram uma inclinação pecaminosa, que passa a ser um elemento constitutivo do caráter. Essa tendência ao pecado, santo Tomás chamou-a "reliquae peccati", acrescenta Garrigou-Lagrange[193]. Um exemplo, segundo nosso autor em questão, para bem ilustrar essa realidade: alguém que por muito tempo foi viciado em bebida alcoólica e se confessa com contrição recebe, com o perdão, a graça santificante e a virtude infusa da temperança; contudo, ainda conserva a inclinação ao vício e, se não fugir das ocasiões, voltará a cair no mesmo pecado de alcoolismo. Essas inclinações ao pecado precisam ser mortificadas, precisam morrer, para libertar de grandes amarras a natureza e a graça[194].

Conforme Garrigou-Lagrange a 'satisfação' vem também a confirmar a necessidade da mortificação para vencer as conseqüências dos pecados pessoais. Quando o pecador recebe a absolvição sacramental, lhe é imposta uma penitência, isto é, uma satisfação, para obter a remissão da pena temporal de seus pecados. Esta satisfação é parte do sacramento da reconciliação, através do qual ele recebe os méritos de Jesus Cristo, que restitui, ou aumenta, a graça em sua alma, conforme ensinamento de Santo Tomás de Aquino[195]. Assim, prossegue Garrigou-Lagrange, fica quitada, pelo menos em parte, sua dívida com a justiça divina. Para conseguir esse efeito, o pecador ainda deve aceitar com resignação as penalidades próprias da vida; e se isso não for suficiente para purificá-lo totalmente, deverá

---

[192] Cf. Ibidem.
[193] Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, III, q. 86, a. 5. Apud GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure,* Tome I, Paris, Les Éditions du Cerf, 1938, p. 397.
[194] Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., pp. 395-397.
[195] Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, III, q. 86, a. 4, ad 2. Apud GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure,* Tome I, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1938, p. 398.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

passar pelo "purgatório". E Garrigou-Lagrange ainda acrescenta que o dogma do purgatório é uma prova contundente da necessidade da mortificação, pois toda dívida com a justiça divina precisa ser paga, pelos méritos nesta vida, ou pelo fogo purificador na outra[196].

Citando mais uma vez Santo Tomás de Aquino, Garrigou-Lagrange ensina que assim como todo pecado requer satisfação, da mesma maneira todo ato inspirado pela caridade é merecedor de recompensa[197]. E conclui afirmando que um arrependimento pleno de amor quitaria tanto a falta como a pena temporal, conforme o demonstraram as lágrimas da mulher pecadora, que Jesus abençoou: "Se eu te declaro que os seus pecados tão numerosos foram perdoados, é porque ela demonstrou muito amor" (Lc 7, 47)[198].

2.1.3.
A luta contra o mundo

Para falar da luta contra o mundo utilizaremos o manual de Antônio Royo Marin. Segundo esse autor, o mundo é o ambiente anticristão, em que as pessoas assumem uma mentalidade totalmente diversa do evangelho e, desse modo, ficam distantes de Deus, totalmente entregues às coisas da terra. Este ambiente refratário a Deus, acrescenta Royo Marin, constitui-se e manifesta-se visivelmente de quatro modos: através das falsas máximas, das perseguições, dos prazeres e diversões, e dos escândalos e maus exemplos[199].

As falsas máximas exaltam as riquezas, os prazeres, a violência, a fraude e a corrupção para obter vantagens pessoais. Essas máximas subvertem a verdade das coisas de tal modo, que, por exemplo, um corrupto é concebido como um 'homem hábil' em seus negócios. As perseguições visam ridicularizar a vida de piedade, a honestidade nos negócios, a fidelidade na vida matrimonial, enfim, buscam desqualificar os valores cristãos. Os prazeres e diversões oferecidos pelo mundo – teatros, cinemas, bailes, piscinas, praias, revistas, periódicos, novelas, frases de duplo sentido, entre outros –, além de imorais, produzem uma verdadeira escravidão, pois as pessoas passam a viver apenas em função deles, não

---

[196] Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure,* Tome I, Paris, Les Éditions Du Cerf, pp. 397-398.
[197] Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae,* III, q. 85, a. 3; I, II, q. 87, a. 1, 3, 4, 5. Apud GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., p. 398.
[198] Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, R., op. cit., p. 399.
[199] Cf. ROYO MARIN, A., *Teologia de la perfeccion cristiana*, Madrid, BAC, 1962, p. 304.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

reservando tempo para outras atividades prementes ao bem estar humano, como, por exemplo, o descanso. Por fim, completa Royo Marin, os escândalos e maus exemplos são usados pelo mundo como incitação ao pecado, em algumas de suas formas[200].

Ainda segundo Royo Marin, o remédio mais eficaz contra o mundo seria ausentar-se, refugiando-se num mosteiro. Mas como nem todos os cristãos têm vocação à vida eremítica ou monástica, e a maioria necessita viver imersa no mundo sem, contudo, renunciar à perfeição cristã, é preciso adquirir a mentalidade de Jesus Cristo, que é diametralmente oposta à mentalidade do mundo. Isso se dá de muitas maneiras: fugindo das ocasiões perigosas; evitando espetáculos que excitam as mais baixas paixões; avivando a fé; desmascarando as máximas do mundo com as máximas do evangelho; meditando a fugacidade do mundo e a eternidade de Deus; e, por fim, não sendo covarde, negando o evangelho de Cristo para simplesmente agradar o mundo, mesmo que isso custe inimizades e perseguições (cf. Jo 15, 18-20), finaliza Royo Marin[201].

2.1.4.
A luta contra as tentações do demônio

Para falar das tentações do demônio retornemos ao manual de Adolphe Tanquerey. Para embasar nossa luta contra as tentações do demônio, Tanquerey utiliza as palavras de São Paulo: "Pois não é o homem que afrontamos, mas as Autoridades, os Poderes, os Dominadores deste mundo de trevas, os espíritos do mal que estão nos céus" (Ef 6, 12). Também cita São Pedro, que compara o demônio a um leão que nos rodeia com a intenção de devorar-nos: "Sede sóbrios, vigiai! Vosso adversário, o diabo, como um leão que ruge, ronda, procurando a quem devorar" (1Pd 5, 8). Segundo compreensão de Tanquerey, a divina providência permite estes ataques, pois todas as vezes que vencemos as tentações do demônio fortalecemos nossa vontade e adquirimos méritos diante de Deus[202].

Contudo, Tanquerey adverte que o demônio não pode agir diretamente sobre nossas faculdades superiores, a saber, a inteligência e a vontade, as quais Deus reservou para si como um santuário: só Deus pode penetrar em nossa alma e

---

[200] Cf. Ibidem, pp. 304-305.
[201] Cf. Ibidem, pp. 305-307.
[202] Cf. TANQUEREY, A., *Compêndio de teologia ascética e mística*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1955, pp. 130-131.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

mover nossa vontade sem fazer violência. Mas o demônio, ainda segundo Tanquerey, pode agir diretamente sobre o nosso corpo, sobre os nossos sentidos externos e internos, especialmente sobre nossa memória e nossa imaginação, assim como sobre as paixões que têm origem em nosso apetite sensitivo; e, desta maneira, consegue agir 'indiretamente' sobre nossa vontade, cujo consentimento solicita através dos diversos movimentos da sensualidade. Mas ainda que o poder do demônio se estenda às faculdades sensíveis e ao corpo, Tanquerey, fundamentado na teologia paulina, assevera que Deus estabelece um limite a esse poder, para não sermos tentados além de nossas forças (cf. 1Cor 10, 13)[203].

E para não ser vítima das astúcias do demônio, que inicialmente nos estimula a praticar faltas leves para depois levar-nos a outras mais graves, Jesus Cristo mesmo nos exortou a recorrer à oração, ao jejum e à esmola (cf. Mt 17, 21). Agindo dessa maneira, conforme Tanquerey, a tentação, não apenas será derrotada, mas, citando São Tomás de Aquino, se converterá em ocasião de atos meritórios[204].

2.1.5.
Desapego para alcançar a perfeição

Para explanar a busca da perfeição utilizaremos os manuais de Garrigou-Lagrange e Antônio Royo Marin. Ao falar da perfeição, Garrigou-Lagrange parte do princípio bíblico de que somos chamados a participar da vida íntima de Deus. Nosso fim último é a vida sobrenatural. Por isso não basta que vivamos somente segundo a reta razão, isto é, como seres racionais que submetem as paixões à razão; é necessário que vivamos como 'filhos de Deus', submetendo a razão ao domínio da fé, de tal modo que a caridade sobrenatural inspire todas as nossas ações. Isto nos obriga ao desapego de tudo aquilo que seja simples interesse terreno; enfim, de tudo o que não seja meio para alcançar Deus. Por isso, conclui Garrigou-Lagrange, necessitamos combater o natural apego às coisas da terra, que absorve nossa atenção em detrimento da vida da graça. E como fundamentação bíblica, cita São Paulo: "Visto que ressuscitastes com Cristo (pelo batismo),

---

[203] Cf. Ibidem, pp. 131-132.
[204] Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, III, supl. q. 15, a. 5. Apud GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure,* Tome I, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1938, p. 400.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

procurai o que está no alto, lá onde se encontra Cristo, sentado à direita de Deus; é no alto que está a vossa meta, não na terra" (Cl 3, 1-2) [205].

Ainda para reforçar que o cultivo do espírito de desapego é um dos grandes preceitos cristão, mais uma vez Garrigou-Lagrange cita São Paulo: "Doravante, aqueles que têm mulher sejam como se não a tivessem (...), os que compram como se não possuíssem, os que tiram proveito deste mundo, como se não aproveitassem realmente. Pois a figura deste mundo passa" (1Cor 7, 29-31). É preciso evitar o apego às coisas e às pessoas, para chegar até Deus. A infinita dignidade de nosso fim sobrenatural requer total abnegação às coisas humanas, por legítimas que sejam, pois poderíamos nos deixar absorver por elas, prejudicando, dessa maneira, a vida da graça, finaliza Garrigou-Lagrange[206].

Para enriquecer o tema, finalizamos acrescentando o pensamento de Antônio Royo Marin a respeito da busca da perfeição. Segundo esse autor, Jesus crucificado é o modelo, por excelência, de desapego e abnegação às coisas do mundo. Nossa incorporação a Cristo, pelo batismo, obriga-nos à experiência purificadora da dor, pois somente a cruz nos configura com Cristo de uma maneira perfeitíssima, libertando-nos dos apegos desordenados. Antônio Royo Marin é incisivo, para ele quem almeja a perfeição deve alimentar amor pelo sofrimento, e cita como fundamentação bíblica São Paulo, que nutre verdadeira paixão pelo sofrimento ao declarar que vive crucificado com Cristo (cf. Gl 2, 19) e não quer gloriar-se senão na cruz de Jesus Cristo, pelo qual vive crucificado para o mundo (cf. Gl 6, 14)[207].

2.2.
A prática da mortificação

O estudo que acabamos de fazer do embasamento teológico da mortificação, a partir dos manuais de ascética e mística, evidenciou como o pecado, o mundo, o demônio, os apegos desordenados e a aversão à dor dificultam e limitam a ação da graça para levar-nos à perfeição. É preciso lutar energicamente contra esses obstáculos que afetam o corpo com seus sentidos exteriores e a alma com todas as suas potências, segundo ensinamento geral dos três manuais em estudo. A partir

---

[205] Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure*, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1938, p. 401.
[206] Cf. Ibidem.
[207] Cf. ROYO MARIN, A., *Teologia de la perfeccion cristiana*, Madrid, BAC, 1962, p. 341.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

desta constatação, a prática da mortificação preocupa-se em abarcar integralmente todas as dimensões do ser humano, através de exercícios estáveis para purificar o corpo, os sentidos internos, as paixões e as potências da alma[208]. É o que analisaremos neste item, utilizando o manual de ascética e mística de Adolphe Tanquerey.

2.2.1.
Mortificação do corpo

Ensina Tanquerey que no estado de natureza decaída, o corpo busca prazeres sensuais, sem fazer caso do que é permitido ou proibido; tem, aliás, inclinação especial pelos prazeres ilícitos e muitas vezes se revolta contra as potências da alma que lhe advertem quanto ao pecado que está cometendo. É tratado como inimigo perigoso, porque nos acompanha por toda parte, à mesa, no leito, no trabalho, e muitas vezes até encontra cúmplices dispostos a exercitar-lhe a sensualidade e a luxúria. É, pois, absolutamente necessário ao homem dominar seu corpo, reduzi-lo à servidão, para não ser traído por ele[209].

2.2.1.1.
Modéstia do corpo

Para Tanquerey, a primeira forma de mortificação corporal é a modéstia do corpo. Esta se realiza, segundo nosso autor, inicialmente, pela observância das regras da modéstia na vestimenta. O princípio geral é o ensinamento de são Paulo: "Não sabeis porventura que os vossos corpos são membros de Cristo? (...). Ou não sabeis acaso que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós (...)" (1Cor 6, 15.19). É mister, pois, respeitar nosso corpo como um templo santo, como um membro de Cristo. Daí renunciar a roupas indecentes, que não são feitas senão para provocar a curiosidade e a volúpia. Cada qual, ensina Tanquerey, deve trazer a vestimenta apropriada a sua condição, sempre simples e modesto, mas também asseado e decente. Para Tanquerey também faz parte da modéstia a boa compostura corporal. Por isso insiste na necessidade evitarmos as posições moles, conservando o corpo sempre ereto; não cruzando nem os pés nem as pernas; não

---

[208] Cf. TANQUEREY, A., *Compêndio de teologia ascética e mística,* Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1955, pp. 424-426.
[209] Cf. Ibidem, p. 426.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

se apoiando indolentemente na cadeira ou sobre o genuflexório; enfim, evitando sempre os movimentos bruscos e os gestos desordenados[210].

E para os mais generosos, ensina Tanquerey, é possível, ainda, o uso de instrumentos de maceração física, para "acalmar os ardores do corpo" e estimular o desejo da piedade. Os instrumentos mais comuns de maceração citados por Tanquerey são: cilícios para apertar os braços ou a cintura, escapulários de crina e alguns bons golpes de chicote nas costas. Em tudo isso, chama a atenção Tanquerey, é necessário consultar o parecer de um experiente diretor espiritual, para evitar os excessos[211].

2.2.1.2.
Modéstia dos sentidos

A segunda forma de mortificação corporal abordada por Tanquerey é a modéstia dos sentidos. Segundo nosso autor, há olhares culpados, que ofendem não somente o pudor, mas até mesmo a castidade. Esses olhares precisam ser evitados. Existem também os olhares perigosos, que fixam a vista sem motivo em pessoas ou objetos que naturalmente suscitarão tentações. Por isso, Tanquerey recomenda ao cristão sincero mortificar a curiosidade dos olhos, evitando, por exemplo, olhar pela janela para ver quem passa, conservando os olhos sempre baixos nas viagens ou passeios. E, quando puder, deve descansar o olhar sobre uma imagem piedosa ou uma cruz, para, assim, se exercitar no amor de Deus e dos santos[212].

Ainda segundo Tanquerey o ouvido e a língua também devem ser mortificados. Essa mortificação exige que não se diga nem ouça nada contrário à caridade, à castidade, à humildade e às demais virtudes cristãs. Conforme Tanquerey, as palavras lúbricas excitam a curiosidade mórbida, despertam as paixões, inflamam desejos e, desse modo, levam ao pecado. As palavras pouco caritativas suscitam inimizades e rancores até nas famílias. Por isso, ensina Tanquerey que é premente velar sobre as mínimas palavras, para evitar escândalos, e saber fechar os ouvidos a tudo aquilo que possa perturbar a pureza, a caridade e a paz[213].

---

[210] Cf. Ibidem, pp. 426-427.
[211] Cf. Ibidem, pp. 427-428.
[212] Cf. Idem, pp. 428-429.
[213] Cf. Idem, p. 429.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

Quanto ao olfato, Tanquerey adverte para o cuidado no uso de perfumes; pois seu uso imoderado, muitas vezes, nada mais é que um pretexto para satisfazer a sensualidade e excitar a luxúria. Um cristão sério somente usa perfumes com moderação, por motivos de grande utilidade. Já os religiosos, conclui Tanquerey, como norma, não devem usar perfumes[214].

2.2.2.
Mortificação dos sentidos internos

Tanquerey ensina que a imaginação e a memória são os dois sentidos internos que fornecem à inteligência os elementos de que esta necessita para trabalhar. Por isso, precisam de mortificação para se submeterem ao domínio da razão e da vontade. Se, ao contrário, forem deixadas à vontade, povoarão a alma de lembranças e imagens que provocarão dissipação, perda de tempo na oração e no trabalho; além de criar inúmeras tentações contra a pureza, a caridade, a humildade e as demais virtudes[215].

Para conter os devaneios da memória e da imaginação, Tanquerey afirma ser necessário afugentar desde o início as imagens ou lembranças perigosas, que recordam um passado escabroso, ou projetam um futuro repleto de fantasias sedutoras. Se não forem dominadas, essas imagens e lembranças tornar-se-ão uma fonte de tentações. E como existe, segundo Tanquerey, um determinismo psicológico, que leva o homem a passar dos devaneios fúteis aos perigosos, é prudente mortificar também os pensamentos inúteis, pois, além de produzirem perda de tempo, preparam o caminho para os pensamentos mais perigosos. A morte deles, portanto, é a morte dos pensamentos maus[216].

Ensina Tanquerey que a melhor maneira de dominar a memória e a imaginação é concentrar totalmente a alma no momento presente — trabalhos, estudos e ocupações cotidianas —, sem devaneios. Igualmente ensina a utilidade de se empregar a memória e a imaginação para alimentar a piedade, buscando nas orações litúrgicas e nos autores espirituais as mais belas comparações e imagens; utilizando também a imaginação para colocar-se na presença de Deus, contemplando os acontecimentos evangélicos que marcaram a vida de Jesus Cristo e da Virgem Maria. E assim, em vez de atrofiar a imaginação, completa

---

[214] Cf. Idem, pp. 429-430.
[215] Cf. Idem, p. 430.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

Tanquerey, ela será povoada de piedosas representações que afugentarão as imagens perigosas[217].

2.2.3.
Mortificação das paixões

Resumidamente, Tanquerey define as paixões como movimentos ardentes do apetite sensitivo para o bem sensível com repercussão mais ou menos forte sobre o corpo[218]. Não são necessariamente más; são, sim, forças vivas que se podem utilizar para o bem como para o mal. Se disciplinadas, podem alcançar um nobre fim. Tanquerey divide as paixões em dois grandes grupos: paixões de gozo (amor, ódio, desejo, aversão, alegria e tristeza) e paixões combativas (audácia, temor, esperança, desespero e raiva)[219].

Segundo nosso autor, Jesus Cristo teve paixões bem ordenadas, amando não somente com a vontade, mas também com o coração: chorou diante do túmulo de Lázaro; chorou também sobre Jerusalém; sentiu cólera; sofreu o temor, a tristeza e o tédio; mas soube conservar essas paixões sob o domínio da vontade e subordinadas a Deus. O perigo, alerta Tanquerey, é quando as paixões são desordenadas, pois provocam os mais danosos efeitos. Por isso é preciso mortificá-las[220].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

---

[216] Cf. Idem.
[217] Cf. Ibidem, p. 431.
[218] Ibidem, p. 432: "Na base da paixão, há, pois, um certo conhecimento ao menos sensível, dum bem esperado ou adquirido ou dum mal contrário a este bem; deste conhecimento é que brotam os movimentos do apetite sensitivo. Estes movimentos são impetuosos e distinguem-se assim dos estados afetivos agradáveis ou desagradáveis que são calmos, tranqüilos, sem aquele ardor, aquela veemência que há nas paixões. Precisamente porque são impetuosos e atuam fortemente sobre o apetite sensitivo, é que se tem repercussão até no organismo físico, por causa da estreita união entre o corpo e a alma. Assim, a cólera faz afluir o sangue ao cérebro e distende os nervos, o medo faz empalidecer, o amor dilata o coração, o temor contrai-o. Nem em todos, porém, se apresentam no mesmo grau estes efeitos fisiológicos, que dependem do temperamento de cada um e da intensidade da paixão, bem como do domínio que cada qual adquire sobre si mesmo. Diferem, pois, as paixões dos sentimentos, que são movimentos da vontade, e, por conseguinte, supõem conhecimento da inteligência e não têm a violência das paixões. Assim é que há amor paixão e amor sentimento, temor passional e temor intelectual. Acrescentemos que no homem, animal racional, as paixões e os sentimentos se combinam muitas vezes, quase sempre, em doses variadíssimas, e que é pela vontade, auxiliada pela graça, que chegamos a transformar em nobres sentimentos as paixões mais ardentes, subordinando estas àqueles".
[219] Cf. Ibidem, pp. 432-433.
[220] Cf. Ibidem, pp. 433.

2.2.3.1.
Paixões desordenadas

Define Tanquerey como desordenadas as paixões que tendem para um bem sensível proibido, ou até mesmo para um bem permitido, mas com exagerada avidez, isto é, sem consultar a razão, norteando-se tão somente pelo instinto ou pelo prazer momentâneo. E como, por natureza, o apetite sensitivo é cego, a alma, norteando-se por ele, cega-se a si também, tornando-se, nessa condição, incapaz para julgar retamente a realidade[221]. O fascínio do prazer, adverte Tanquerey, impede o homem de ver a verdade, além de enfraquecer sua vontade[222] e macular sua alma[223].

Para Tanquerey, quem quiser chegar à comunhão perfeita com Deus, necessariamente tem que mortificar os apegos desordenados, por menores que sejam, pois eles paralisam a vontade, comprometendo a liberdade. Nosso autor cita uma advertência de São João da Cruz: "pouco importa estar o pássaro amarrado por um fio grosso ou fino; desde que não se liberte, tão preso estará por um como por outro, por frágil que seja o fio, o pássaro estará retido por ele enquanto não o quebrar"[224].

Para combater eficazmente as paixões desordenadas, sugere Tanquerey, logo de início, inibir a vontade, reprimindo as ações ou gestos que estimulam a paixão. Para ilustrar cita dois exemplos: quem se sente tomado pela cólera, deve evitar os gestos e as palavras ofensivas, calando-se até que readquira a serenidade; já quem está tomado por uma afeição exagerada deve evitar os encontros com a pessoa amada, pois, assim, enfraquecerá o ardor gradativamente. Ainda segundo Tanquerey, outros dois artifícios válidos, neste caso, são: esforçar-se para esquecer o objeto da paixão, levando a imaginação e a inteligência a ocupar-se de

---

[221] Cf. Ibidem, p. 434.

[222] Ibidem, p. 434-435: "Solicitada em sentidos diversos por essas paixões rebeldes, vê-se forçada a vontade a dispersar as próprias forças, que por isso mesmo vão enfraquecendo. Tudo o que cede às paixões, aumenta nela as exigências e diminui em si as energias. Semelhante às gomeleiras inúteis e vorazes que brotam do tronco de uma árvore, os apetites que não são dominados, vão se desenvolvendo e roubando força à alma, como os rebentos parasitas à árvore. E não tardará o momento em que a alma enfraquecida caia no relacionamento e na tibieza, disposta a todas as capitulações".

[223] Ibidem, p. 435: "Quando esta (a alma) cedendo às paixões, se une às criaturas, abate-se ao nível delas e contrai a sua malícia e as suas manchas; em vez de ser imagem fiel de Deus, torna-se imagem das coisas a que se apega; grãos de pó; manchas de lodo vêm embaciar-lhe a beleza e opor-se à união perfeita com Deus".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

coisas honestas (estudo, jogo, passeio etc), que produzem uma sadia distração; bem como refletir sobre as conseqüências naturais e sobrenaturais da paixão desordenada: escândalo, impossibilidade de avançar na perfeição e salvação em perigo[225].

Também recomenda a realização de atos positivos contrários à paixão, como, por exemplo: quem experimenta antipatia por alguém deve esforçar-se para ganhar a simpatia dessa pessoa, prestando-lhe um serviço, sendo amável e, sobretudo, rezando por ela[226].

2.2.3.2. Paixões ordenadas

Quando as paixões, por outro lado, estão bem ordenadas, isto é, submetidas à vontade, são muito úteis, segundo Tanquerey, à nossa inteligência e vontade pois estimulam-nas a buscar a comunhão com Deus[227].

Para Tanquerey, quando bem direcionadas, as paixões agem sobre a inteligência, excitando-a a buscar a verdade com ardor. Se algo nos apaixona, direcionamos toda nossa atenção para conhecê-lo bem; e, neste processo, a inteligência apreende mais facilmente a verdade, e a memória é mais persistente para reter o aprendizado. Por isso, reforça Tanquerey, quem ama apaixonadamente Jesus Cristo estuda o evangelho com maior entusiasmo e compreende-o mais prontamente[228].

Igualmente quando agem sobre a vontade, as paixões ordenadas levam-na a utilizar todas as suas energias. O que se faz com amor se faz melhor, com maior aplicação, constância e êxito. Quando alguém está apaixonado por Deus, não recua diante de nenhum esforço, sacrifício ou humilhação para fazer o bem, finaliza Tanquerey[229].

---

[224] SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida do monte Carmelo*, 1, I, c. XI. Apud TANQUEREY, A., *Compêndio de Teologia ascética e mística,* Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1955, p. 435.
[225] Cf. TANQUEREY, A., *Compêndio de teologia ascética e mística,* Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1955, pp. 438-439.
[226] Cf. Ibidem, p. 439.
[227] Cf. Ibidem, p. 436.
[228] Cf. Ibidem.
[229] Cf. Ibidem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

2.2.4.
Mortificação das potências da alma

Inteligência e vontade são as potências da alma humana. Como também foram atingidas pelo pecado original, precisam ser mortificadas. Tanquerey ensina que a inteligência, em vez de ascender espontaneamente a Deus, como no estado primitivo, tende a se concentrar naquilo que satisfaz sua curiosidade e a negligenciar o que se refere ao seu fim último; as preocupações do tempo impedem-na muitas vezes de pensar na eternidade. A vontade, conforme Tanquerey, tem grandes dificuldades de se submeter a Deus e aos seus representantes na terra. É inconstante no esforço, e, por isso, muitas vezes se deixa dominar pelas paixões; por isso necessita constantemente ser mortificada[230].

2.2.4.1.
Mortificação da inteligência

Para Tanquerey, as tendências defeituosas da inteligência que devem ser mortificadas são: a ignorância, a curiosidade e o orgulho[231].

A ignorância combate-se através do estudo metódico e constante, sobretudo do estudo que se refere a Deus e aos meios para alcançá-lo. A curiosidade é vencida quando estudamos não o que nos agrada, mas o que é útil para edificar a nós mesmos e aos outros. O orgulho é combatido quando a inteligência submete-se, com docilidade, aos ensinamentos da fé e às orientações do magistério pontifício. Nas discussões travadas com os outros, é imperativo buscar não o triunfo das próprias idéias, mas a verdade. Escutar as razões dos adversários com atenção e imparcialidade, acolhendo o que há de justo nas suas observações, é o melhor meio de nos aproximarmos da verdade, bem como de mortificar nosso orgulho[232].

2.2.4.2.
Mortificação da vontade

A vontade governa todas as demais faculdades; é, portanto, a faculdade mestra. Dominar a vontade, segundo ensinamento de Tanquerey, implica dominar o homem todo. E a vontade está bem moderada quando é forte para governar as

---

[230] Cf. Ibidem, p. 442.
[231] Cf. Ibidem.
[232] Cf. Ibidem, pp. 442-445.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

faculdades inferiores e dócil para obedecer a Deus. Para se atingir esse fim, Tanquerey coloca como prioridade eliminar a imprudência, a afobação, a indecisão, a desconfiança, o medo da crítica e os maus exemplos[233]. Além da eliminação desses obstáculos, segundo ele, é também indispensável combinar harmoniosamente o trabalho da inteligência, da vontade e da graça[234].

À inteligência compete fornecer as convicções que serão, ao mesmo tempo, guia e estímulo para a vontade. Essas convicções têm a função de fortalecer a vontade humana para esta sempre escolher aquilo que é conforme à vontade divina. Segundo Tanquerey resumem-se nisto: Deus é o meu fim, e Jesus é o caminho para se chegar a Deus; devo fazer tudo por Deus em comunhão com Jesus Cristo; o pecado é o obstáculo que se opõe ao meu fim, portanto devo evitá-lo; se por infelicidade pecar, reparar o mal cometido imediatamente; fazer constantemente a vontade de Deus é o único meio para se evitar o pecado; enfim, procurar conhecer a vontade de Deus, repetindo muitas vezes a palavra de são Paulo, no momento da sua conversão: "Senhor, que quereis que eu faça?" (At 9, 6). E, à noite, durante o exame de consciência, fazer penitência pelas faltas cometidas, especialmente as menores[235].

A vontade, por sua vez, fortemente influenciada pela inteligência, deve agir com decisão, firmeza e constância. É necessária a decisão. Depois de refletir e rezar, reforça Tanquerey a importância de se decidir imediatamente, sem hesitações, pois a vida é curta, e não há tempo a perder. A decisão deve ser firme, motivando o agir sem esperar o dia seguinte. A firmeza nas pequenas ações é que assegura a fidelidade nas grandes. E essa firmeza precisa tornar-se constante, para o que se renovarão muitas vezes os esforços, sem jamais desanimar pelas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

---

[233] Cf. Ibidem, p. 446: a) A imprudência ocorre quando não refletimos para praticar uma ação, antes seguimos o impulso do momento, a paixão, o capricho; por conseguinte, é necessário refletir bem antes de passar ao ato; b) A afobação é o entusiasmo passageiro, o fogo de palha. A norma é sempre agir com moderação e constância; c) A indecisão atrofia as forças da vontade. Decidir e agir sempre com convicção; d) A desconfiança também prejudica a vontade. Em toda ação, sempre contar com o auxílio divino para chegar a bons resultados; e) O medo da crítica nos torna escravos da opinião alheia. O que tem valor é o juízo de Deus, sempre sábio, e não os dos homens, sempre falível; f) Os maus exemplos nos arrastam, quanto mais correspondem a uma propensão de nossa natureza. Lembremo-nos, então, de que o único modelo a ser imitado é Jesus; e que o cristão deve fazer o contrário do que o mundo faz.

[234] Cf. Ibidem.

[235] Cf. Ibidem, pp. 446-447.

vicissitudes que sobrevenham, pois ninguém é vencido, senão quando abandona a luta[236].

Para Tanquerey, em última instância, é com a graça de Deus que devemos contar. Ela não nos é negada, e com ela somos invencíveis. Devemos renovar nossas convicções sobre a absoluta necessidade da graça, sempre que iniciamos uma ação importante; por isso devemos pedi-la sempre, em comunhão com Jesus Cristo, para termos maior segurança de alcançá-la. Lembrar-nos de que Jesus não é somente o nosso modelo, mas principalmente o nosso colaborador, e apoiar-nos com confiança nele, certos de que assim podemos empreender e realizar tudo na ordem da salvação: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fl 4, 13). Então, nossa vontade será forte, porque participará da força de Deus; será livre, porque a verdadeira liberdade não consiste em nos entregarmos às paixões, que nos escravizam, mas em assegurar o triunfo da razão e da vontade sobre o instinto e a sensualidade[237].

Assim, realizar-se-á plenamente o objetivo principal da mortificação: submeter os nossos sentidos e faculdades inferiores ao domínio de uma vontade sempre dócil e obediente a Deus; possibilitando, desse modo, desapegar-nos de todas as seduções do prazer e das ilusões do mundo, para abraçarmos com ardor as dores, passivas ou ativas, que nos configuram perfeitamente a Cristo.

2.3. Conclusão

Somente com a instituição da cátedra de teologia ascética e mística, em 1910, o estudo da vida espiritual ganhou cidadania teológica. Oficialmente, estava encerrada a separação entre teologia e vida espiritual. Porém, uma outra divisão não foi superada: a dicotomia neoplatônica "alma-corpo". Basta analisar o próprio título dado à nova disciplina teológica: ascética e mística. A ascética dedicada ao estudo dos princípios e do desenvolvimento da vida espiritual, e a mística dedicada ao estudo das questões especiais da vida espiritual, sobretudo dos estados místicos mais caracterizados. Simplificando, a ascética cuida das realidades 'naturais', mundanas, relacionadas ao corpo; a mística das realidades 'sobrenaturais', relacionadas à alma.

---

[236] Cf. Ibidem, p. 447-448.
[237] Cf. Ibidem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

Não se pode negar os benefícios que os manuais de ascética e mística trouxeram à prática da mortificação. O primeiro deles, sem dúvida alguma, foi a própria reflexão sistemática acerca da mortificação, que até então não passava de um conjunto de penitências corporais. Teólogos como Adolphe Tanquerey e Reginald Garrigou-Lagrange com muita competência sistematizaram as conseqüências do pecado original e dos pecados pessoais na natureza humana; além de explicitarem, com muita clareza, os mais diversos tipos de tentação a que todos somos submetidos em nossa vida cotidiana, e que justificam as práticas de mortificação. De modo especial, a acurada análise da origem e da evolução das tentações na estrutura psicológica humana, com a conseqüente necessidade da mortificação da vontade e das potências da alma para combatê-las. Tudo isso não apenas foi, mas ainda é muito útil e necessário ao desenvolvimento de uma vida cristã madura e consistente, pois santidade não acontece por geração espontânea, a graça batismal precisa ser desenvolvida. É importante para a espiritualidade cristã resgatar para as novas gerações a riqueza de ensinamentos acerca da vida cristã presente nestes manuais. Eles contêm uma sabedoria muito grande a respeito da natureza humana. Com certeza, esses manuais ajudaram muitas pessoas a conhecer melhor a si mesmas e a adotar uma disciplina equilibrada para não desperdiçarem a graça divina.

Contudo, apesar da grande evolução que trouxeram ao tema da mortificação, eles não superaram, como já disse ao início dessa análise conclusiva, a influência do neoplatonismo, assim como também não foram capazes de se desvencilhar da influência do estoicismo. Ainda há uma grande insistência na valorização da dor. Não apenas na aceitação passiva da dor, mas inclusive buscando-a para assim controlar as pulsões do corpo, como recomenda Antônio Royo Marin. Tanquerey prescreve a utilização da dor como instrumento de prevenção contra o pecado e como estímulo à piedade. Percebe-se nitidamente nestas recomendações uma teologia da mortificação embasada numa antropologia dualista e numa soteriologia reducionista e pessimista; enfim embasada no que convenciono chamar de ‘teologia do dolorismo’. Para ilustrar esta conclusão basta retomar o ensinamento de Royo Marin, segundo o qual é necessário abraçar a dor para configurar-se perfeitamente a Cristo.

No próximo capítulo procuraremos entender como a combinação de uma antropologia dualista e de uma soteriologia pessimista engendraram ao longo da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB

história a teologia do dolorismo, que persiste até hoje, no pensamento de alguns religiosos. Realizaremos igualmente uma análise crítica das conseqüências do dolorismo à vida cristã.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310394/CB